

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

## TEORIA DA HISTÓRIA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1880-1920)

Itamar Freitas<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto explora a história do ensino de história nos EUA, entre as décadas de 1880 e 1920. Aqui, mediante o exame de histórias da historiografia, manuais propedêuticos do método crítico, relatórios sobre o ensino de história nas universidades, *colleges* e escolas secundárias e elementares, como também de manuais didáticos para a formação do professor de história, buscamos mapear os fundamentos das didáticas da história produzidas naquele período. Ao modo de Jörn Rüsen, investigamos as ideias orientadoras, a normativa, as funções e os interesses que justificaram as opções de ensinar a história na escolarização básica como “ciência da história”. Os resultados iniciais da pesquisa, no que dizem respeito à normativa, indicam que a teorização sobre o ensino de história fez uso de princípios metódicos não coincidentes, disseminados por adeptos do historicismo: os ex-alunos dos discípulos alemães de Leopold von Ranke e Johann Gustav Droysen e os leitores do manual *Introduction aux études historiques* (1898), de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos.

**Palavras-chave:** Teoria da história, Didática da história, EUA, Método crítico.

Entre 1880 e 1910, profissionalizou-se a historiografia estadunidense mediante as estratégias bastante conhecidas na reprodução de campos científicos: a fundação de uma instituição representativa - a *American Historical Association* (AHA) - e de uma respectiva revista acadêmica, a consolidação de postos de trabalho em universidades como Harvard, Yale, Columbia, Michigan, Cornell e Johns Hopkins, e a disseminação de uma normativa: o método crítico (primeiro com os princípios de Leopold von Ranke e, ao final do século XIX, com as regras de Gustav Droysen, Ernst Bernheim e Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos). Consolidadas as cadeiras, a corporação e a ciência, os historiadores tentaram ocupar os demais espaços: o ensino de história na escolarização básica e a produção de livros didáticos. Estes objetivos, no entanto, não foram alcançados. Em 1916, a história foi transformada em objeto da área de estudos sociais e, no entre-

---

<sup>1</sup> PNPd-CAPES/UNB/UFS. E-mail: itamarfo@gmail.com

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

guerras, os amadores (professores da escola básica, jornalistas e até escritores estrangeiros) afastaram os historiadores do rico mercado editorial.

Essa é, em resumo, a história da disputa entre historiadores e educadores em torno do ensino de história nos EUA, contada, principalmente, por Peter Novick (1998). O nosso trabalho, entretanto, propõe outra leitura do mesmo período e da mesma disputa. Aqui, nos diferenciamos em termos de objeto e intenções. O objeto de disputa enfatizado pelos poucos historiadores que cobrem esse tipo de experiência historiográfica são os conteúdos substantivos, ou seja, a derrota dos historiadores é marcada não apenas pela diminuição do tempo escolar, mas também pelos cortes efetuados nos currículos (histórias política, antiga e média) em favor das histórias contemporânea e social.

O objeto de disputa que pomos em relevo é de outra natureza. Nossa preocupação direciona-se aos fundamentos da didática da história, que não estão, obviamente (ontem e hoje, nos EUA e no Brasil), nos conteúdos substantivos a ensinar. Os fundamentos estão no uso do método crítico. No caso em questão (mediado pelo exame da história da historiografia, de manuais de introdução à história, manuais de metodologia de ensino e relatórios sobre ensino de história nas universidades, *colleges*, *secondary school* e *elementary school*), os resultados parciais indicam que a teorização sobre o ensino de história fez uso de princípios objetivistas disseminados por rankeanos e discípulos de Droysen e que, na primeira década do século XX, fundamentou-se na clássica tríade reproduzida em vários lugares do mundo a partir de manuais de história elaborados por G. Droysen, E. Bernheim, W. Bauer e, sobretudo, por C. V. Langlois e C. Seignobos.

A intenção deste texto, por fim, também é diferente em outro aspecto. A historiografia especializada narra os desdobramentos das disputas mencionadas acima como um sinal das sucessivas derrotas dos historiadores estadunidenses frente aos sociólogos, economistas e, principalmente, educadores, pelo governo do ensino de história. No nosso caso, o interesse no estudo dos EUA prende-se ao fato de ele representar apenas um dos vários lugares de onde podemos observar dois fenômenos concomitantes (cujos estudos auxiliam no conhecimento da

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

história da historiografia): a transnacionalização do método crítico e sua transformação no fundamento das didáticas da história (do passado e do presente).

Assim, como etapa inicial de apresentação dos resultados da pesquisa, propomos, em primeiro lugar, descrever as formas pelas quais a história do ensino de história do período em questão (1880-1940) tem sido contada por diferentes especialistas – quer dizer, não somente historiadores por formação inicial ou aceitação entre pares. Em seguida, apresentamos formalmente a hipótese que norteia este trabalho, a partir da leitura de relatórios que descrevem pensamentos e práticas a respeito do ensino de história no âmbito da escolarização primária e secundária e da formação de professores. A didática da história entre os historiadores dos EUA ganha legitimidade a partir das bases anunciadas por Henri Johnson, que reivindicou princípios de teoria da história e rechaçou teorias educacionais para fundar uma doutrina geral do ensino de história, entre 1915 e 1940.

## **COMO OS ESTADUNIDENSES CONTAM A HISTÓRIA DO SEU ENSINO DE HISTÓRIA (1880-1940)?**

A exemplo do que ocorre no Brasil e em outros países, os pesquisadores da história do ensino de história dos EUA partem de diferentes horizontes de expectativas e fundamentam seus trabalhos em campos científicos vários. Neste tópico, identificamos os distintos interesses, as coincidências em termos acontecimentais e os desdobramentos dos resultados dessas investigações para o nosso projeto maior, que é a tentativa de ler a história do ensino de história dos EUA, entre 1880-1940, mediante as iniciativas de constituição de uma didática da história dentro do campo dos historiadores, ou seja, relacionada aos princípios de legitimidade da ciência da história oferecidos pela teoria da história.

Os historiadores do ensino de história aqui citados, obviamente, não são, em grande maioria, pertencentes às corporações de história, nem trabalham (ou trabalharam) em departamentos de história ou programas de pós-graduação na área. Contudo, exploram, cada um a seu modo, a experiência estadunidense que nos interessa, com as mais diversas intenções. O primeiro deles é o único que, *a priori*, não deveria ser rotulado como pesquisador do ensino de

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

história: Herbert M. Kliebard<sup>2</sup>, que se propôs a escrever “a história do moderno currículo dos Estados Unidos” referente ao período 1893-1958 (KLIEBARD, 1987, p. ix). Seu notável trabalho, entretanto, serviu de base aos recentes especialistas do ensino de história, até mesmo por reunir informações importantes sobre a experiência da história na formação de crianças e adolescentes naqueles anos.

Os quatro próximos, Gary B. Nash, Charlotte Crabtree e Ross E. Dunn (1999) e Linda Symcox (2002), denunciam os ataques desferidos por acadêmicos e políticos de direita aos *National Standards for History*, em 1995. Esse documento incorporava a recente pesquisa acadêmica em histórica (multiculturalismo, gênero, África etc.) e, supostamente, omitia os fundadores e principais valores da nação. O quinto autor, Franklin Boucher Pruitt (1978), que escreveu para o doutorado em educação, investigou os sentidos, justificativas, críticas e estratégias de ensino empregadas nos *colleges* dos EUA entre o século XVII e XX. O sexto, Sam Wineburg (2001), “pesquisador da cognição histórica” – que no Brasil seria concebido como psicólogo educacional –, tenta produzir um sentido para a “compreensão histórica”, ou seja, quer saber o que os historiadores efetivamente fazem quando “lêem historicamente” ou qual a natureza dos atos cognitivos “que conduzem às sofisticadas interpretações históricas” (WINEBURG, 2001, p. 11).

Esse primeiro grupo foi classificado<sup>3</sup> como o de profissionais da educação. O segundo, incluso no campo da história – por reconhecimento dos pares ou formação inicial –, é bem diminuto. Peter Novick (1998) é o único contemporâneo escolhido. Ele faz um relato crítico dos sentidos, origens e desafios enfrentados pela “ideia de objetividade” – tomada como pedra angular do trabalho do historiador estadunidense, entre as décadas de 1880 e 1960. Os demais historiadores estão na fronteira ou no interior das balizas deste estudo. Eles são: Henry Johnson (1940), historiador das finalidades, conteúdos e métodos do ensino de história nos EUA em curso

<sup>2</sup> Professor emérito da área de Educação da Universidade de Wisconsin-Madison. Para acessar imagem do autor, consultar: <http://www.news.wisc.edu/newsphotos/images/kliebard2.jpg>.

<sup>3</sup> Neste texto, emprego o Brasil como parâmetro classificatório, com vistas ao melhor entendimento do leitor-alvo, que é o brasileiro.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

no período 1812-1940, e Bessie Louise Pierce (1926), que examinou o lugar da história na legislação educacional do país e as tentativas de controle sobre o livro didático, entre 1860 e 1917.

As preocupações, como vimos, são as mais diversas: umas bem caras à história acadêmica – o vigor do princípio da objetividade, a organização dos historiadores em associação – e outras bem mais próximas “do chão” da escola básica – o sentido de compreensão histórica, a renovação dos conteúdos substantivos, os métodos de ensino. Outros autores, ainda, estiveram muito mais interessados nas disputas de poder que constroem representações e, com elas, sistemas de controle social nos EUA.

À diversidade de horizontes de expectativas acrescentemos a variação do “lugar social” e/ou de campos científicos. Para não nos alongarmos na descrição, basta que identifiquemos, em largos traços, que os autores acima se debruçaram sobre o passado, partindo de ferramentas disponibilizadas pelas teorias do currículo de Michael Apple, do discurso de Michel Foucault, mediante as perspectivas presentistas de Carl Becker, Geoffrey Barraclough e Christopher Hill, da ideia de paradigma de Thomas Kuhn entre outros. Tais expectativas e referências teóricas, obviamente, resultaram em trajetórias plurais a respeito do pensamento e da prática do ensino de história, mas também indicam pontos de encontro acerca da experiência estadunidense com o ensino de história entre 1880 e 1940. Podemos acompanhar ambos pelo quadro 1.

**Quadro 1 - Historiografia sobre o ensino de história nos EUA do período 1880-1940**

Autor/Ano de Publicação	Campo	Instituição
PIERCE (1926)	História/Estudos Sociais	University of Iowa
JOHNSON (1932/1940)	História/Educação	Teachers College Columbia University
PRUIT (1978)	História	Texas tech University
KLIEBARD (1987)	Educação - currículo	University of Wisconsin-Madison
WINEBURG (1996)	Psicologia	Graduate School of Stanford University
NOVICK (1998)	História	University of Chicago
NASCH (1999)	História	University of California
CRABTREE (1999)	Educação	University of California
DUNN (1999)	História	San Diego State University
SYMCOX (2002)	Educação	California State University

Construído pelo autor, a partir dos textos dos historiadores citados no interior do quadro.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Pelo quadro 1, podemos perceber a variação dos campos e de instituições que se ocupam do nosso tema. Iniciando a descrição do trabalho desses autores, reservamos maior espaço para um “não historiador do ensino de história”, Herbert Kliebard, que vai, adiante, servir a alguns historiadores como base para periodizar e interpretar a experiência estadunidense. Classificando em “tradicionalistas” e “revisionistas”, isto é, reduzindo a experiência de grandes personagens do *design* de currículo a duas tendências ideológicas, Kliebard mapeia e dá a direção ao trabalho dos três especialistas no ensino de história que ganharam nome fora do país com o seu *History on Trial: culture wars and the teaching of the past* (1999). Para Kliebard, os humanistas, que se baseavam na teoria da disciplina formal, dominaram a cena entre os anos 1890. A história escolar, defendida por William Torrey Harris (1888), deveria ser o “desdobramento da vontade nas instituições, ao contrário dos atos individuais”, e revelar como as coletividades tornaram possível a “civilização” (KLIEBARD, 1987, p. 38). Foi essa tendência que vigorou no Comitê dos Dez.

As demais tendências, às vezes chamadas de “progressivistas” por sua crítica à teoria “tradicional” – currículo centrado na criança (desenvolvimentismo), “melhorismo” social ou “reconstrucionismo” social e ecletismo ou corrente de hibridização do currículo –, professaram, respectivamente: (1) a história como centro do currículo (Stanley Hall), ao modo das “épocas de cultura” de Friedrich Herbart, formadora da “personalidade”, mediante os “círculos concêntricos” – Albion Small (1886), e transmissora dos “valores da vida social” – John Dewey (1897), ao contrário de constituidora da inteligência; (2) a história como elemento dos estudos sociais, responsáveis por inculcar valores e hábitos “americanos” diante da diversidade étnica nos anos 1910 – Thomas Jesse Jones (1908) e, numa guinada à esquerda, a história como reveladora das “necessidades sociais”, ou seja, dos males sociais ou questões que afligiam a sociedade no período da Grande Depressão – Harold Rugg (1921); (3) a história, ainda como elemento dos estudos sociais, mas sem coloração ideológica definida, necessária à formação para a cidadania via projetos experimentais – Thomas Briggs, W. W. Charters e Harold Rugg com seu Plano Denver, em 1943; e (4) a história, ainda

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

como estudos sociais, voltada aos propósitos do país em guerra – combate ao totalitarismo e defesa da democracia (pós-1939).

Essa descrição detalhada, evidentemente, não reproduziremos em relação aos demais autores do Quadro 1. Aqui, basta apenas registrar, em largos traços, os objetos, períodos, critérios de periodização dos referidos historiadores do ensino de história. Pierce (1926) divide a história em três tempos, 1860-1900, 1900-1917 e 1917-1926, fundado nas mudanças sócio-econômicas e políticas (I Guerra Mundial), concluindo que os referidos contextos interferiram na natureza dos conteúdos e no impulso maior ou menor das histórias dos EUA e do mundo e no controle/punição de professores e livros didáticos.

A preocupação de Johnson (1940), por sua vez, é com a entrada da história nos colleges, com as séries de comitês – “dos Dez” / National Education Association - NEA (1892), “dos Cinco” / NEA (1895), “dos Sete” / American Historical Association - AHA (1896), “dos Doze” / NEA (1897), “dos Oito” / AHA (1909), “dos Cinco” / AHA (1911), “dos Vinte” e, depois, “dos Vinte e Um” /NEA (1915) – que regularam, respectivamente, conteúdos para o secundário e a entrada da história nos *colleges*, conteúdos para a escola primária, espaço de quatro anos no ensino secundário, conteúdos para as escolas rurais, conteúdos e recursos para os cinco anos da escola primária, idem para as escolas primária e secundária e, por fim, a instituição dos *social studies* em dois ciclos para a escola secundária.

Novick (1998) é bem conhecido entre os leitores da história da historiografia. Seu relato sobre o ensino de história é tangencial, embora possamos delimitar claramente dois grandes períodos para a história dos usos da história. No primeiro, relacionado a fundação da AHA (1884), são citados os atores da institucionalização e da profissionalização da história nas universidades – Hermann Edward von Holst, Albert Buschnell Hart e James Harvey Robinson, atuantes, sobretudo, entre 1890 e 1916. No segundo, são anunciados o projeto e as derrotas dos historiadores: a perda de espaço nos currículos (1916), no mercado editorial de livros didáticos (1920-1950), o rompimento (1934) e a conciliação da maioria dos historiadores com os educadores (1937-1939).

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Entre os que dividem sua ação entre a História e a Educação, no último quartel do século XX e no início do século XXI, são destacáveis os trabalhos de: Pruit (1978), que se concentra nas mudanças entre o sistema eletivo (1870-1910) para a implantação do ciclo básico obrigatório nos *colleges* (a partir de 1912) e nos desdobramentos das mesmas para o ensino de história<sup>4</sup>; do psicólogo Wineburg (1996), classificador das ideias sobre ensino de história a partir da primazia do associacionismo, comportamentalismo e do desenvolvimentismo<sup>5</sup>; Nasch, Crabtree e Dunn (1999), que dividem o período entre os revisionistas do século XIX e os revisionistas da *new history* e as iniciativas reformistas do currículo, a cargo dos diversos comitês aqui citados, ressaltando, paralelamente, o papel dos referidos comitês<sup>6</sup> e, por fim, Symcox (2002), que retoma algumas das balizas de Kliebart, dividindo a experiência estadunidense em três tipos e tempos de apropriações: (1) humanista<sup>7</sup>, (2) desenvolvimentista<sup>8</sup>, social-eficientista<sup>9</sup>, reconstrucionista<sup>10</sup>, e (3) eclética<sup>11</sup>.

## MANUAIS PROPEDÊUTICOS E FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA (1877-1915)

<sup>4</sup> A ampliação do número de cadeiras no ensino superior e a primazia do utilitarismo sobre a religiosidade, no primeiro tempo, a fragmentação do campo histórico (a partir de 1900), o boom da história social dos EUA (a partir dos anos 1920) e a primazia da história social, econômica e política (a partir da I Guerra Mundial e da Grande Depressão).

<sup>5</sup> Associacionismo – Eduard Lee Thorndike (1911); comportamentalismo – J. Carleton Bell e David F. McCollum (1917); comportamentalismo restrito a testes de memória sobre o passado – Garry C. Myers (1917), D. H. Eikenberry (1923), *New York Times survey* (1942), sobre raciocínio histórico – B. R. Buckingham (1919), F. S. Camp (1920), avaliação escrita e aprendizagem histórica – F. R. Gorman e D. S. Morgan (1930) e graus de subjetividade – L. W. Sackett (s.d); e desenvolvimentismo – Stanley Hall (1911).

<sup>6</sup> Revisionistas – Frederick Law Olmsted (1856) sobre as pessoas comuns; John Adams (1883), Guerra de Independência; Mildred L. Rutherford (1911), Guerra Civil; e John Bach McMaster (s.d), sobre os Pais da Pátria vs. veteranos das guerras. Revisionistas da *new history* – David Saville Muzzey (1911), Guerra do México e escravidão; Charles Beard (1913), Constituição e presentismo; [Arhur Schlesinger Jr (1920s), imigrantes e mulheres]; James Harvey Robinson, presentismo; Carl Becker e Harold Rugg, questões sociais vs. American Federation of Adverting, National Association of Manufacturers; B. C. Forbes, H. W. Prentis Jr., e Elwood Turner.

<sup>7</sup> Comitê dos Dez (1893).

<sup>8</sup> John Dewey (1902) e Stanley Hal.

<sup>9</sup> Frederick Winslow Taylor (1911), Franklin Bobbit (1912).

<sup>10</sup> Lester Frank Ward (1883), Harold Rugg (1933) e Georg Counts (1932/33).

<sup>11</sup> Nicholas Lemann.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

A literatura sobre a história do ensino de história, como vimos no tópico anterior, é bastante diversificada. Entretanto, pouco informa sobre o nosso problema que é o das origens de uma didática da história para a escolarização básica nos EUA. Isso nos obrigou a por os olhos sobre outro tipo de fonte: alguns manuais de formação de professor de história, produzidos entre 1974 e 1915, período concomitante à institucionalização da história nas grandes universidades do país.

## Quadro 2 – Manuais de formação de professor nos EUA (1877-1915)

Autor/Ano de Publicação	Atuação	Instituição
ORCUTT (1871/1874)	Educação	Tilden Ladies Seminary
ATKINSON (1890)	Inglês/História	Massachusetts Institute of Technology
HALL (1883)	Educação	Clarck University/Johns Hopkins University
ADAMS (1887)	História	Johns Hopkins University
HINSDALE (1893)	Educação	University of Michigan
JOHNSON (1915)	Educação/História	Teachers College Columbia University

Construído pelo autor, a partir dos textos citados no interior do quadro.

Os manuais foram colhidos junto a universidades de ponta no que diz respeito à pesquisa e o ensino de história em nível secundário e superior. São formadores de opinião, formadores de professores, fundadores de periódicos e instituições ligadas ao movimento dos professores de história e dos historiadores. Não é uma lista exaustiva, mas bastante significativa pela capilaridade que possuía. Hiran Orcutt (1815-1899), do Seminary Hill Elementary School, em New Hampshire, e do Tilden Ladies Seminary, escreveu em um tempo onde os manuais de introdução à história para o nível superior ainda não circulavam nos EUA. Observando seus principais livros, o *Manual do professor* (1871) e o *Manual dos pais ou formação escolar em casa* (1874), percebemos que o professor deve dominar os princípios e os fatos da ciência da história, apenas. Não há indicações diretas sobre os fundamentos (de epistemologia histórica) orientadores da sua didática.

Já William Atkinson (1820/1890), engenheiro de formação e professor do Massachusetts Institute of Technology – MIT, Universidade de Massachusetts, defendeu que a história é ciência que examina os acontecimentos em busca das leis gerais do comportamento humano, a exemplo da física que observa os fatos para extrair leis gerais do seu funcionamento. Seu livro - *História e o*

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

*ensino de História* [1880] adota uma epistemologia nomotética, mas sem maiores detalhamentos quanto às origens da informação professada.

Stanley Hall (1844-1924), psicólogo da Universidade Johns Hopkins e adepto das “épocas de culturas” da dupla germânica Herbart-Ziller, comenta, brevemente, os trabalhos de Gervinus, Herbart, Ranke e Droysen, demonstrando intimidade com a bibliografia da teoria-metodologia-filosofia da história e indicando uma mudança de rumos na didática da história. O livro que organiza, entretanto - *Métodos de ensino de história* (1883) – apresenta fundamentos de ordens diversas, mas dentro do círculo germânico de epistemologia histórica: A. B. Hart (Harvard) comenta Ranke e Droysen; Herbert B. Adams (Johns Hopkins University) comenta Ranke e Droysen; Richard T. Ely (Johns Hopkins University) comenta Ranke; Andrew D. White cita Ranke; George S. Morris (Michigan) comenta Droysen; C. K. Adams (Michigan) cita Droysen; Thomas Wextwost Hinson (Columbia) cita Ranke, e John Alonzo Fisheb (Johns Hopkins University) cita Ranke.

Três anos depois de Hall, foi o renomado historiador Herbart B. Adams (1876-1901), também da John Hopkins University, quem organizou outro livro sobre métodos de ensino de história, embora o título não seja tão indicador da matéria – *O estudo da história nos colleges e universidades da América* (1887). Assim, relatando a situação da matéria nas principais universidades do país, cita a presença de princípios anunciados por Ranke, na Universidade de Michigan, comenta ou cita Droysen em Harvard, Yale, Columbia College, e no curso de graduação da John Hopkins.

Semelhante a iniciativa de Stanley Hall, Burke Aaron Hinsdale (1837-1900)<sup>12</sup>, da área de educação da Universidade de Michigan, publica *Como estudar e ensinar história* (1893). Na obra, comenta Freeman, Spencer, Macaulay, Carlyle (ingleses) e Lemm, Herbart, Zeller (alemães). Também cita Droysen (alemão) e Bain (inglês) sobre métodos de ensino de história.

---

<sup>12</sup> Ver dados biográficos do autor em “Burke Aaron Hinsdale Collection 1859 – 1900: Biographical note”. Hiran College Library (2014).

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Por fim, em 1915, em meio às disputas entre adeptos da história como disciplina escolar autônoma e adeptos da história como componente curricular dos *social studies*, Henry Johnson (1867-1953), professor do Teachers College da Universidade de Columbia e membro ativo da AHA, escreve *Como se ensina história* (1915). O próprio título revela a sua opção e oposição em relação aos historiadores e educadores progressistas. Para ele, a história é ciência ao modo da escola metódica de Langlois e Seignobos (fontes, observação indireta e crítica histórica). E mais: se ensino deve incorporar o método crítico, estão mais que justificados os comentários efetuados sobre os trabalhos produzidos por Droysen, Bernheim e, sobretudo, Langlois e Seignobos.

## CONCLUSÕES

Tentamos convencê-los, nesta comunicação, de que as histórias do ensino de história que têm como balizas os anos 1880 e 1940 partem de *colleges*, departamentos de educação e de história, orientadas por teorias do currículo, da aprendizagem e da história, por motivos os mais diversos, resultando, conseqüentemente, em uma dispersão de objetos. Contudo, independentemente do campo, das ideias orientadoras e da instituição de onde partem, chama a atenção a ênfase concedida aos diversos comitês que pautaram conhecimentos históricos, espaços no currículo e formas de organização nas escolas primária e secundária. Recentemente, o objeto são as “guerras de história”, que refletem conflitos entre esquerda e direita, conservadores e progressistas pela representação do passado, sobretudo nacional.

A despeito da variedade, não constatamos, por hora, preocupação com as tentativas de codificação de um corpo de conceitos que fundamentassem uma didática da história, o que torna a nossa empreitada ainda mais significativa. Diante da ausência de informações relevantes sobre essa última temática, partimos para o exame dos referenciais empregados na elaboração de manuais para a formação de profissionais de história e constatamos, em primeiro lugar, que a teoria sobre o ensino de história oscila entre filósofos da educação e diferentes correntes historicistas, alemãs e inglesas até o fim da primeira década do século XX. Além disso, o resultado do exame deste tipo de fonte reforçou a plausibilidade da nossa hipótese de que a didática da

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

história, nos EUA, entre os historiadores, ganha autonomia como campo de pesquisa vinculado a uma teoria da história historicista a partir dos princípios anunciados por Henri Johnson, entre 1915 e 1940.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Herbert B. *The study of history in american colleges and universities*. Washington: Government Printing Office, 1887.

ATKINSON, William P. *On history and the study of history: tree lectures*. Boston: Roberts Brothers, 1884.

BAUER, Guillermo [Wilhelm]. *Introducción al estudio de la historia*. Barcelona: Bosch, 1957.

BERNHEIM, Ernest. *Introducción al estudio de la historia*. Barcelona: Labor, 1937. (Tradução de Pascual Galindo Romero, a partir da terceira edição alemã – 18[?]).

DROYSEN, Johann Gustav. *Outline of the principles of history (Grundriss der historik)*. Boston: Ginn, 1897.

HALL, Stanley. *Methods of teaching history*. Boston: D. C. Heath & Company, 1898.

JOHNSON, Henry. *Teaching of history in elementar and secondary schools*. New York: The Macmillan Company, 1915.

HIRAM COLLEGE LIBRARY. *Burke Aaron Hinsdale Collection 1859 – 1900*: Biographical note. Western Reserve (Ohio). Sd. Disponível em: <http://library.hiram.edu/index.php/finding-aids/personal-papers-finding-aids/1326-the-burke-a-hinsdale-collection>. Consultado em: 31 ago. 2014.

JOHNSON, Henry. *Teaching of history in elementar and secondary schools – With applications to allied studies*. (Revised edition). New York: The Macmillan Company, 1940.

LANGLOIS, Charles-Victor. *Introduction aux études historiques*. Paris: Kimé, 1992. (Versão facsimilar da primeira edição – 1898).

NASCH, Gary B.; CRABTREE, Charlotte; DUNN, Ross E. *History on trial: culture wars and the teaching of the past*. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

NOVICK, Peter. *That noble dream: the “objectivity question” and the American Historical Profession*. New York: Cambridge University Press, 1998.

ORCUTT, Hiram. *Teacher’s manual: containing a treatise upon the discipline of the school, and other papers upon the teacher’s qualifications and work*. Boston: Thompson, Bigelow & Brown, 1871.

ORCUTT, Hiram. *The parentes manual or home and school training*. Boston: Thompson, Bigelow & Brown, 1874.

PIERCE, Bessie Louise. *Public opinion and the teaching of history in the United States*. New York: Alfred A. Knopf, 1926.

PRUIT, Franklin Boucher. *A historical study of the teaching of history in american colleges*. [Austin], 1978. Dissertação (Doctorate of Education) – Graduate Faculty of Texas Tech University.

SYMCOX, Linda. *Whose history? The struggle for National Standards in American Classrooms*. New York: Columbia University, 2002.

WINEBURG, Sam. *Historical thinking and other unnatural acts: charting the future of teaching the past*. [Philadelphia]: Temple university Press, 2001.

